

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2



Natalia Colombo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações 2 / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-454-2

DOI 10.22533/at.ed.542200810

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O segundo volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas concernentes à educação, processos históricos, tecnologias, capitalismo e suas rupturas, informação, globalização, interdisciplinaridade, relações jurídicas, rituais e especificidades culturais.

Abrimos o volume com capítulos relacionados à educação: abordando a escola como instituição social de maior relevância na formação de personalidade e convívio, desenvolvimento humano e sobre como o uso de fontes históricas, o processo de inclusão e exclusão socio espacial e acesso e uso de tecnologias interferem no processo de ensino e aprendizagem.

Na sequência reflexões sobre a vivência na formação de educadores, experiências poético-estéticas sobrepostas à ciência como base do conhecimento e a valorização dos saberes dos povos originários; abrem um debate sobre imposições formais e os benefícios na flexibilização da visão de uma única estrutura possível na construção do conhecimento.

Tais rupturas nos apresentam readequações nas leituras sobre o modo de vida na sociedade capitalista como a conhecemos e a adaptação iminente e necessária desse modelo pré-estabelecido.

Na sequência, o sujeito é apresentado como o centro do debate da crise da informação, globalização e instantaneidade; relações entre homem e máquina, inteligência artificial e novos discursos e visões de responsabilidade civil e jurídica.

Encerramos apresentando quatro capítulos que tratam de abordagens sobre as especificidades culturais nas relações humanas e debates sobre os papéis dos rituais na sociedade.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EDUCAÇÃO - UM DIREITO	
Adelcio Machado dos Santos	
Daniele Martins Leffe	
DOI 10.22533/at.ed.5422008101	
CAPÍTULO 2	8
DISTINÇÕES, RELAÇÕES E IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR	
Jocélia Barbosa Nogueira	
Maria Rita Santos da Silva	
Elenize Cristina Oliveira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5422008102	
CAPÍTULO 3	17
DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E ARTE: DA SUBJETIVAÇÃO À SALA DE AULA	
Ana Julia e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5422008103	
CAPÍTULO 4	25
ENSINO CARTOGRÁFICO NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE PRESIDENTE PRUDENTE: DESAFIOS SOB A PERSPECTIVA DO PROFESSOR	
Paulo Roberto Alves de Araujo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.5422008104	
CAPÍTULO 5	39
ARTE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO (UFT - TOCANTINÓPOLIS)	
Anna Flávia Martins Duarte	
Kênia Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5422008105	
CAPÍTULO 6	55
O QUE MAIS CONTA NA ESCRITA, MÉTODO OU SENSIBILIDADE? RELAÇÕES DE PODER NA ESCRITA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E AS POSSIBILIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO DOS NÃO-HISTORIADORES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.5422008106	

CAPÍTULO 7	69
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DO LAZER	
Joseli Vaz Fabricio Guilherme Nunes de Freitas Juliana Rodrigues da Silva Karine Aparecida dos Santos Vaz Renato Salla Braghin Diogo Bertella Foschiera	
DOI 10.22533/at.ed.5422008107	
CAPÍTULO 8	79
ARA WATASARA: CARTOFILIA DO RIO SOLIMÕES	
Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.5422008108	
CAPÍTULO 9	92
VIVÊNCIAS NO ASSENTAMENTO DO CONTESTADO-PR	
Eliandra Francielli Bini Jaskiw Luiz Fernando de Carli Lautert	
DOI 10.22533/at.ed.5422008109	
CAPÍTULO 10	102
O CAPITAL ENCURRALADO	
Atanásio Mykonios	
DOI 10.22533/at.ed.54220081010	
CAPÍTULO 11	117
PRÊT-À-PORTER: UMA ESTÉTICA DA VIDA CONTEMPORÂNEA	
Gabriel Liberato Duarte dos Reis Ailton Siqueira de Sousa Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.54220081011	
CAPÍTULO 12	128
TRÊS INTENÇÕES, UM OLHAR: EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO COLETIVA DE PROJETOS DE PESQUISA DE DOUTORADO	
Larissa Silva Gonçalves Lúcia Maria Barbosa Lira Telma de Verçosa Roessing	
DOI 10.22533/at.ed.54220081012	
CAPÍTULO 13	141
DISCURSO JURÍDICO E PRÁTICAS SOCIAIS	
Heliud Luis Maia Moura	
DOI 10.22533/at.ed.54220081013	

CAPÍTULO 14	155
I.A.: CONSIDERAÇÕES JURÍDICAS E ASPECTOS ÉTICOS ACERCA DO ARTIFICIAL E NOVAS FORMAS DE INTELIGÊNCIA	
Mateus Catalani Pirani Daniel Stipanich Nostre	
DOI 10.22533/at.ed.54220081014	
CAPÍTULO 15	167
RESPONSABILIDADE PENAL DA PESSOA JURÍDICA NOS CRIMES ECONÔMICOS	
Maiara Motta Gabriel Moura Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.54220081015	
CAPÍTULO 16	181
RESPONSABILIDADE CIVIL MÉDICA E O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
Maiara Motta Kelly Cristina Canela	
DOI 10.22533/at.ed.54220081016	
CAPÍTULO 17	195
A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> EM <i>PASSAGEM PARA ARARAT</i> , DE MICHAEL ARLEN	
Dayse Oliveira Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.54220081017	
CAPÍTULO 18	202
RITUAL MÍSTICO-RELIGIOSO E TERAPIAS DE CURA NA CAVERNA SANTA TEREZINHA NA SERRA DO RONCADOR, COCALINHO - MATO GROSSO	
Nataly Aparecida Carvalho Neves Linhares	
DOI 10.22533/at.ed.54220081018	
CAPÍTULO 19	211
“ENTRE A CRUZ E A ESPADA”: A IMPORTÂNCIA DOS RITOS FÚNEBRES COMO PRÁTICA DE FÉ AINDA QUE DIANTE DE COIBIÇÃO HEGEMÔNICA	
Viviane Faria Lopes Emerson de Stefani	
DOI 10.22533/at.ed.54220081019	
CAPÍTULO 20	226
TROCAS AFETIVAS EM CONTEXTO DE INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ	
Clarice Bieler	
DOI 10.22533/at.ed.54220081020	
CAPÍTULO 21	236
DESAFIOS NO CUIDAR DOS IDOSOS: CONTRIBUTO DA METODOLOGIA DE CUIDADO HUMANIDADE NA REDUÇÃO DA ANSIEDADE DOS CUIDADORES	
Liliana Vanessa Lúcio Henriques	

Rosa Cândida Carvalho Pereira de Melo
Mónica Paula Lopes de Oliveira Pereira
Andreia Henriques
Maria Amélia Nabais Martins
Rafael Efraim Dias Geraldês Alves

DOI 10.22533/at.ed.54220081021

SOBRE A ORGANIZADORA.....	248
ÍNDICE REMISSIVO.....	249

CAPÍTULO 6

O QUE MAIS CONTA NA ESCRITA, MÉTODO OU SENSIBILIDADE? RELAÇÕES DE PODER NA ESCRITA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E AS POSSIBILIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO DOS NÃO-HISTORIADORES

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 13/07/2020

Manoel Adir Kischener

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, PR
<http://lattes.cnpq.br/0700002710041949>

Everton Marcos Batistela

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR)
Dois Vizinhos, PR
<http://lattes.cnpq.br/8011976316738390>

Airton Carlos Batistela

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
(Unioeste)
Francisco Beltrão, PR
<http://lattes.cnpq.br/6355946068533113>

Mariza Rotta

Universidade Comunitária da Região de
Chapecó (Unochapecó)
São Lourenço do Oeste, SC
<http://lattes.cnpq.br/1261989172809832>

Este capítulo foi apresentado como artigo completo no VIII Congresso Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas (VIII CONAPE), realizado na Unioeste, câmpus de Francisco Beltrão, nos dias 1º e 2 de outubro de 2019. Para esta versão, que contém pequenas modificações, foi acrescentado um autor que contribuiu nestas.

RESUMO: Objetiva-se trazer apontamentos que não deslegitimam o método, mas apelam à sensibilidade na leitura e escrita da História, como

forma de dialogar a respeito das imposições quanto a forma de escrita e a credibilidade que se possa associar aquele ou este escrito e/ou estilo, pois depende muito de quem o lê, e analisa. Argumenta-se que, ao final e no fundo, mais vale a sensibilidade, mas que o método é fundamental. Existe um campo intelectual a serviço de manter concentrada naqueles que se declaram (entre si) as autoridades na área, a revelia do que o leitor, por fim, prefere, no exercício do seu direito de escolha e fazendo jus a sua renda? O que mais conta, a produção, o acesso a mais leitores, a linguagem fácil ou que se mantenha restrito a pares que a autorizam? Sendo uma opção dos professores de História, no dia a dia, principalmente na Educação Básica, por obras de não-historiadores, que contribuição estas podem legar a educação? A proposta é tributária da vivência do primeiro autor como professor e carece de aprofundamento, pois é pouco analítica.

PALAVRAS-CHAVE: Conceito de História. Produção e recepção. Normatização e relações de poder.

WHAT ELSE COUNTS IN THE WRITING, METHOD OR SENSITIVITY? RELATIONSHIPS OF POWER IN WRITING AND KNOWLEDGE PRODUCTION AND THE POSSIBILITIES IN HISTORY TEACHING FROM THE PRODUCTION OF NON-HISTORIANS

ABSTRACT: The objective is to bring notes that do not delegitimize the method, but appeal to sensitivity in the reading and writing of History, as a way of talking about the impositions regarding

the form of writing and the credibility that can be associated with that or this writing and / or style, because it depends a lot on who reads it, and analyzes it. It is argued that, in the end and in the background, sensitivity is better, but that the method is fundamental. Is there an intellectual field in the service of keeping concentrated on those who declare themselves (among themselves) the authorities in the area, regardless of what the reader, finally, prefers, in the exercise of their right to choose and being entitled to their income? What counts the most, the production, access to more readers, the easy language or that remains restricted to peers who authorize it? As an option for History teachers, in everyday life, mainly in Basic Education, for works by non-historians, what contribution can these bequeath to education? The proposal is dependent on the experience of the first author as a teacher and needs further study, as it is not very analytical.

KEYWORDS: Concept of History. Production and reception. Standardization and power relations.

1 | INTRODUÇÃO

A escrita da história nos tempos atuais está associada àqueles que a desejam escrever, para isso, que possuem recursos para custear as publicações se estão fora da universidade, dentro dela está a cargo de pesquisadores em programas de pós-graduação, donde se exige a fim de concluir os estágios de um grau ao outro, a escrita de trabalho inédito, mas que pode ser amparado na mera revisão de bibliografia, desde que com problemas de pesquisa inéditos.

Diferentemente então, das outras ciências, as humanas geram possivelmente menor quantidade de patentes.

Em tempos de acesso ilimitado a rede mundial de computadores, a possibilidade de “baixar” arquivos se amplia a cada dia (nos mais diversos formatos, mas geralmente em pdf) que são postados ou anexados por usuários em sites, blogues, portais etc., uns com necessidade de assinatura e ou cadastro, alguns são pagos, outros exigem espécie de permuta, salva-se um texto, mas antes se anexa um do próprio computador pessoal.

Isso tem transformado as bibliotecas físicas quase obsoletas, afinal é possível ter acesso a quase tudo pela internet.

Há pós-graduandos que fazem a dissertação ou a tese sem sequer ter ido à biblioteca uma única vez!

Não se discute aqui se ato de “baixar” partes ou publicações inteiras da internet é ação ética ou não dentro do que entende o mercado editorial, que aliás, faz circular muito dinheiro e gera empregos.

Como os custos de editoração e publicação de livros ainda estão altos, especialmente se em editoras de nome nacional e quilate acadêmico, há opções em coletâneas que são viabilizadas até com custo zero, basta se antenar e estar por dentro do que rola na rede, como afirmam aqueles mais presos as gírias que já começam a se alastrar neste meio

online.

Tudo passa a depender do leitor, de sua vontade e possibilidade de acesso, que antes era obrigado a adquirir os livros ou frequentar a biblioteca mais próxima, até existia a expressão “rato de biblioteca” que, possivelmente, em breve, poderá cair em desuso.

Era preciso fazer carteirinha, dialogar com o bibliotecário de plantão – se existisse um, o que era raro – existia mesmo era algum funcionário aproveitado para a função, muitas vezes despreparado, como ocorre de professores que estão em vias de se aposentar, com as vantagens de tempo de serviço, podem escolher por “ficar” na biblioteca; para poder encontrar o livro, em muitos casos, dada a assiduidade do leitor que insistia perante as adversidades e falta de catalogação, poderia render uma amizade com o “bibliotecário” mais de ofício do que de formação acadêmica.

Ao retirar livros na biblioteca o leitor poderia fortalecer alguma cultura de responsabilidade, pois ao esgotar o tempo determinado e, não tendo “renovado” o prazo (mas para isso deveria verificar se não existia uma reserva de outro leitor para aquela mesma obra) teria que pagar multa e, às vezes, como sanção, ficava impedido de retirar obras por algum tempo.

Com este preâmbulo, afirma-se aqui que, inclusive a produção da história está acessível a cada um, desde que se encaixe nas características antes descritas.

Mas há, dentre estes, aqueles que não são considerados historiadores e é destes que o texto passa a tratar.

Oliveira (2018), Rezzutti (2016), Narloch (2017) e Trespach (2017), pela ordem de edição, são possibilidades de autores que, mesmo em um caso tendo a formação de historiador, como o de Rodrigo Trespach, são obras de cunho mais popular, com boa escrita, pois acessível, com ou não acesso à fontes primárias, tratam de temas relevantes e, ao mesmo tempo curiosidades que, de alguma maneira, poderão prender o leitor, mais do que a leitura habitualmente considerada acadêmica, portanto, mais truncada.

Desta forma, objetiva-se trazer apontamentos a respeito da importância do método e da sensibilidade na escrita da História, como forma de provocar os pares, a respeito das imposições (que poucos de fora da academia seguem) quanto a forma de escrita e a credibilidade que se possa associar aquele ou este escrito.

Pois, depende muito de quem o lê, e analisa, neste caso e, que se vá além do mero teorismo, como afirma Pedro Demo, que o difere da teoria, pois “[...] este é o vício, aquela é condição metodológica crucial” (DEMO, 2009, p. 35).

Argumenta-se que, ao final e no fundo, mais vale a sensibilidade, mas que o método é fundamental, o é. Mas quantos desde dentro da História (os professores universitários, por exemplo) estão dispostos a aceitar isso?

Será que há contribuições relevantes (e com reconhecimento popular) dos chamados *marginados*? Há relação de poder em favor dos *estabelecidos*, como entende Norbert Elias (ELIÁS, 2003)?

Mais ainda, existe um campo intelectual a serviço de manter concentrada naqueles que se declaram (entre si, os acadêmicos) as autoridades na área, à revelia do que o leitor, por fim, escolhe, no exercício do seu direito de escolha e fazendo jus a sua renda? O que mais conta, a produção, o acesso a mais leitores, a linguagem acessível ou que se mantenha restrito a pares, dentro de um mero academicismo?

2 | A HISTÓRIA EM OBRAS DE NÃO-HISTORIADORES

Será a História possível em não-historiadores? O que mais conta afinal, o método e certa apatia e distanciamento do grande público (pois uma escrita de maior dificuldade de apreensão por parte do grande público e muitas vezes a quantidade de notas de rodapé é o maior indicativo disso) e, a consequente perda de legitimidade perante este público ou propiciar acesso e algum *retorno* (na forma de síntese de conhecimentos, por exemplo) na forma como populariza e dissemina a escrita da história as produções de não-historiadores?

Pode-se afirmar que há uma disputa de poder a respeito do que é legítimo nesta escrita ou isso não interessa e o que mais conta mesmo é o julgamento de crítica popular e não a acadêmica?

Nesse sentido, se fossemos pensar no cinema, o que mais conta são os filmes de grande apelo popular e retorno em bilheteria, como os *blockbuster* ou vencer no Oscar?

Para a escrita da História vale a mesma regra ou temos, nós os historiadores, que se apegar ao formalismo¹ do método e pouco importa se terá aceitação popular? Pode-se considerar enquanto possibilidade didática em sala de aula obras de não-historiadores?

2.1 Relações de Poder na Escrita e Produção do Conhecimento

Existe um campo intelectual a serviço de se manter concentrada naqueles que se declaram entre si as autoridades na área (os acadêmicos), à revelia do que o leitor (o cidadão comum) por fim escolhe, no exercício do seu direito de escolha e fazendo jus ao que dispõe de condições financeiras para tanto e deseja adquirir?

Conforme o estudo realizado por Norbert Eliás na comunidade de Winston Parva (um nome fictício), entre os *establecidos* e os *forasteros* (nesta tradução), não se deveria esquecer que “[...] *la tendencia de un grupo a estigmatizar a otro, que desempeña un papel tan relevante en las relaciones entre grupos diferentes a lo largo y ancho del mundo*” (ELIÁS, 2003, p. 224).

Ao final, nestes tempos de pressa e, amparado nos poucos conhecimentos, no baixo número de leitores, o que mais conta é a produção e o acesso a mais leitores, com linguagem acessível, do que efetivamente aquela escrita que se mantém restrita a pares,

¹ Segundo Emmanuel Levinas: “*Su verdad primera es de orden metodológico. Expresan cierto estado de investigaciones en las ciencias humanas. Una preocupación de rigor vuelve desconfiados a psicólogos, sociólogos, historiadores y lingüistas frente a un Yo que se escucha y se palpa, pero sigue estando sin defensa contra las ilusiones de su clase y los fantasmas de su neurosis latente. Un formalismo se impone para domesticar la proliferación salvaje de los hechos humanos que, abordados en su cotenido, nublan la vista del teórico; un formalismo que se im pone para medir la certeza del saber, más seguro de los límites de sus axiomáticas que de cualquier axioma*” (LEVINAS, 2009, p. 112-3).

os chamados historiadores profissionais?

Nos parece que a esse grupo, o dos profissionais da História, já numeroso no Brasil, vide o número crescente de programas de pós-graduação disponíveis, apesar de interiorizados pelo país e em diferentes cenários e populações à volta, ainda demonstram baixa inclinação aos temas sensíveis; e está comedida em suas perspectivas interdisciplinares, como com a Literatura, que poderia lhe trazer ganhos na escrita e na forma narrativa, o que cai mais ao gosto do leitor que tem pressa e necessita de enredo para se manter “preso” a leitura, à trama da História e a busca de significados a peleja diária.

Acaba que são os pormenores, os detalhes, as curiosidades, as ilustrações, a qualidade gráfica e menos o papel ou o tamanho da obra, aquilo que foge à regra do grande livro, da obra acadêmica, da tese, do que é produzido pelo que o fez pela titulação, apesar de que, muitas vezes, também a partir de referenciais bibliográficos apenas, como as obras mais populares sugeridas neste texto.

Provavelmente, a busca por perspectiva menos ideologizada de escrita, em que se trate do tema sem o intento de levar as ideias do historiador antes e, sim do contexto e tema que analisa, de outro modo, também obras que tratem de temas para além do politicamente correto, donde todos são vítimas em potencial e a sangradura da História, com a perspectiva de vingança, tem dominado².

Nesse sentido, o que ocorre nas universidades francesas e é denunciado por Antoine Prost (2017) talvez não seja uma exceção daquele país e, se se atentar ao que exposto antes, pois “Tal postura comprova perfeitamente que, nesse caso, os verdadeiros desafios não são de ordem da ciência, mas da sociabilidade profissional e das estratégias de poder” (PROST, 2017, p. 50), pois nos eventos (congressos, simpósios, colóquios, seminários etc.) ocorre o encontro dos pares ideológicos, dos do discurso afinado e dos chavões e jargões de fala de militante profissional, daqueles que enxergam a realidade com os óculos que só eles detêm a patente, logo inacessíveis aos vesgos e que estão à parte nessa história de luta de classes imaginárias?

Mas ao final, se sabe, os professores saem e voltam ao seu mundo de benesses do capitalismo e das certezas da classe média e, os alunos e os dissidentes seguem na peleja por alguma forma de mobilidade social e na incerteza do povo, talvez mais apreensivos da possibilidade real de êxito para com seus anseios, pois o cenário que se passa nesses encontros é devastador, mostra-se que o capitalismo a tudo transforma e patola os que a ele se contrapõem.

Não existem modelos alternativos. Não há cenário positivo fora daquela teoria teleológica.

(Seria uma história do século XIX que estes colegas fazem?).

² Mas há também a procura justamente por obras mais ideologizadas, por que tomam posição por aquele ou este segmento, como as revisionistas e mesmo as que enaltecem a biografia dos pioneiros, apesar da falácia destas e dos constantes erros.

Nesta perspectiva, há eventos que tentam organizar aqueles que são deste lado, doutro congresso fala-se contra esses primeiros, e o fazer-se da ciência assim tem sido por aproximação ou simpatia e frente a outras condições que muitas vezes são impostas.

Por exemplo, quando a avaliação é usada para manter espécie de consenso ou da percepção do que é qualidade, próximo ao entendem Frigeri e Monteiro (2014), pois aos alunos resta a aceitação do enfoque, do entendimento, dos autores, do “recorte” (que é a expressão usada muitas vezes para se justificar a “escolha” de temas e métodos a ser tratados em determinadas disciplinas).

Por isso, ao afirmar que há mais de uma visão ou percepção do que se entende por um trabalho (artigo) que possui qualidade, Frigeri e Monteiro (2014) citam como a entendem os editores, os autores e as agências de fomento; destas, a segunda corrobora o entendimento desejável do parágrafo: “[...] dos autores: que possuem a mesma visão dos editores, incluindo como *periódicos de qualidade aqueles que publicam trabalhos de autores conceituados em sua área*” (FRIGERI e MONTEIRO, 2014, p. 183, ênfase acrescida).

Desta forma, o convite dos palestrantes da mesma forma, e fica sob a áurea da especialização da ciência ou seu afunilamento quando em verdade prevalecem as decisões políticas, de poder dentro dos espaços institucionais (as associações nacionais ou regionais de área por exemplo), da forma que Antoine Prost comenta do caso francês

Entre as diferentes estratégias de poder desenvolvidas sob a aparência do progresso da ciência, uma arbitragem científica reconhecida seria, apesar de tudo, útil; ora, isso é raro. As defesas de tese e os colóquios – que deveriam constituir os momentos apropriados do confronto científico – são também, para não dizer, em primeiro lugar, manifestações de sociabilidade em que a conveniência prevalece em relação ao rigor e à busca da verdade (PROST, 2017, p. 49).

E até a ideia de ciência é condicionada desta forma, pois a divulgação dos novos métodos, as abordagens da moda, as últimas descobertas, como o caso da Ditadura brasileira que se alardeia nos arquivos que estão nos Estados Unidos, das relações deste com o Brasil, estaria o potencial explicativo do nosso regime, conformando a ideia de interferência externa em quase tudo, tutelados mesmo no autoritarismo.

Retomando Prost (2017) se é tudo sociabilidade profissional e relações de poder entre estes pares, os acadêmicos, ou será da forma que entende Norbert Elias? “*Los conceptos efectivamente utilizados por los grupos establecidos como medio de estigmatización varían en función de los rasgos sociales y las tradiciones de los grupos afectados*” (ELIÁS, 2003, p. 227).

Será?

Seja na unidade imposta, na percepção do *nós* e *eles*, os dogmáticos e os dissidentes, e aqueles que assistem a tudo, privilegiados por compartilhar espaço mais ainda em posição inferiorizada na escala de poder (como os cientistas em início de carreira, os bolsistas)

mesmo em meio ao reconhecimento da diversidade de escritos e perspectivas teóricas que se deveria ter (pois seria sadio ao mundo acadêmico, não?!), como se comportam aqueles que escrevem a História?

Não necessariamente se referindo a sociedade brasileira, Antoine Prost, comenta a respeito da crítica da interpretação: “Neste aspecto, a atenção fica ligada ao sentido dos termos, ao seu uso distorcido ou irônico, às afirmações ditadas pela situação” (PROST, 2017, p. 60).

Quem faz uso o faz a partir de algum lugar, um sentido, desta forma, conforme o autor escreve, quem narra a história o faz em condições predeterminadas, as regras da ciência, deste fazer está associado aos pares, aqueles que fazem parte.

Mas estão atentos a dita realidade dos alunos?

Atentar-se a realidade do aluno é expor a ele as mais diversas possibilidades de construção e mesmo narrativas da História, afinal as demandas da realidade podem ser as mais variadas, conforme a temporalidade histórica a que estão inseridos?

Sim e, exemplo produtivo de escrita de não historiadores de formação, em que pese um dos autores ter feito doutoramento em História, apesar de acadêmicos é a de Saes e Saes (2013), que escrevem uma “História econômica e geral” repleta de possibilidades interpretativas ofertadas ao leitor, nas mais diversas referências teóricas expondo a razão das escolhas dos autores.

Mudando de patamar, sendo as aulas reflexo, aposta-se, dos professores da Educação Básica e menos dos alunos de graduação (na condição de estagiários) que, nestes tempos de difícil docência – até pelos índices que só crescem da violência contra professores, até mesmo dentro de sala de aula – depende mais da busca e das leituras que o mestre poderá levar aos pupilos, onde se imagina que, salvo os recém formados em centros universitários mais à esquerda (o que efetivamente não representa ganho de politização, via de regra a ideologização e a imposição do pensamento único, uma única matriz teórica, por exemplo, que impera em algumas destas universidades).

A maioria destes professores têm acesso a obras do estilo das que aqui estão sendo apresentadas, até pelos seus números de venda, pelo acesso facilitado, pela leitura mais fluente, pelo estilo do texto curto, pequenos capítulos ou subitens que facilitarão ao professor no feitiço de suas aulas, já que o conhecimento de História, aceita-se aqui, está vulgarizado e dependente da precarização a que está submetido o ensino da disciplina.

Aqui reconhece-se as dificuldades a que estão expostos os professores de História, inclusive de outras áreas, na Educação Básica, a insuficiente remuneração (e a conseqüente sobrecarga de trabalho), a insuficiente qualificação inicial formativa (e o não prosseguimento em formação de quadros do magistério), as imposições do mercado dos livros didáticos (virou moda e salvação, por isso não se distribui livros de qualidade acadêmica), padronizados que estão (não consideram as peculiaridades regionais), a violência que têm adentrado as escolas (não só nas periferias das cidades), o pedagogiquês das coordenações de ensino

e planejamento nas escolas (que mais leva em conta as vontades do aluno, em perspectiva de vitimização do que efetivamente ao comprometimento com conhecimento, mesmo que em escala introdutória) e a crescente politização partidária que tem tomado de golpe a maioria das escolas (esquecendo-se a importância da pluralidade e dos bons sentidos da política em essência), portanto, o que se busca neste escrito é dispor de questões para diálogo, em respeito àqueles que insistem em ficar em sala de aula, apesar de tudo.

Nesse sentido, autores como Oliveira (2018), Rezzutti (2016), Narloch (2017) e Trespach (2017), foram selecionados e destes se sugere e se comenta trechos como forma de demonstrar que, apesar da não formação em História da maioria de seus escritores, prevalece a sensibilidade pelos temas menores, conseqüentemente, aqueles com sentido maior aos alunos, pois coadjuvantes da História, como a maioria.

Provavelmente em tempos em que a correria impera e as pessoas estão mais dispostas àquilo que lhes dê alguma satisfação, o estímulo a aprendizagem, ao menos alguma forma dela e que se permitem, que se dê a partir de mostrar curiosidades da História provavelmente logrará mais êxitos do que a mera formalidade conteudista que muitas vezes o professor da área se percebe obrigado a seguir, como que piloto de livro didático e, sem alternativas, já que as bibliotecas estão defasadas, mesmo de obras do porte das que estamos a sugerir nesta escrita.

Não se defende aqui a precarização do ensino e que se deixe de lado a opção conteudista que, apesar de ser desta forma, vem fazendo seu serviço, legado a alguns razoável aprendizado da história.

Por outro lado, se se pensar a época em que vivemos, quando o acesso está disponível a palma da mão, do celular, do tablet, do computador em casa (e menos do livro impresso, infelizmente), onde tudo pode se encontrar se tiver interesse e direcionamento, torna-se cada vez mais difícil manter os alunos àquilo que o professor, se conteudista, deseja passar.

Em meio a resistência por parte dos alunos pelo viés mais conteudista, imagina-se que o professor de História não deva pautar sua prática na imposição e na violência que muitas vezes sugere o plano de ensino, desatento e distante à realidade do aluno e as temporalidades históricas a que este está absorto.

Desta forma, optando-se por uma história mais centrada na curiosidade que possa despertar no aluno, centrada neste tipo de publicação aqui em incipiente análise, poderá, quem sabe, posteriormente, estimular a este a busca da perspectiva mais aprofundada, isso se conseguir escapar da “tentação da ideia fixa” (DEMO, 2008, p. 99), que não se feche em suas próprias concepções, seus autores prediletos e que abra a mente ao aprender sempre e que não enxergue no seu professor uma espécie de autoridade religiosa no assunto.

A respeito da curiosidade, Abud (2003) afirma que o professor que tiver interesse em estimulá-la deve valer-se da estratégia de levar o documento (neste caso, cópia dos livros, uma apresentação onde se destaca parte, um recorte, enfim) ao aluno, dando um sentido

próprio àquilo que se espera transmitir, pois “Este é o percurso que permite uma efetiva atividade intelectual do aluno, feita de curiosidade e de espírito crítico e que confere sentido ao saber histórico escolar” (ABUD, 2003, p. 191).

Da mesma forma, se deve levar à risca a ideia de que “[...] a curiosidade faz com que a experiência do mundo e de nós mesmos aumente quanto mais perguntamos se a curiosidade nos ajuda a crescer” (MANGUEL, 2016, p. 41).

Assim sendo, e se for o desejável na proposta pedagógica do professor de História e mesmo do estabelecimento de ensino, e é importante certa correspondência e sintonia nisso, o ensinar passa a ser visto “[...] como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador” (FREIRE, 1996, p. 13).

Provavelmente as obras que serão expostas em pequeno fragmento a seguir despertarão a curiosidade do aluno.

2.2 Possibilidades Didáticas em Sala de Aula em Quatro Obras de Não-Historiadores

Alerta-se que a seleção que se dará das obras aqui não se deu de forma sistemática, ao contrário, o recorte foi mais no intento de demonstrar que, para além deste exposto, há possibilidades outras para trato de temáticas várias, dependendo do interesse do professor em sala de aula e da demanda que a turma da diferente realidade pode sugerir.

Provavelmente a análise dos livros poderá render outras possibilidades, talvez a contento dos críticos (que deverão estar atentos e apontar limites e a esta escrita), principalmente os historiadores profissionais (os reconhecidos), mas esse não é o intento do artigo.

Ao contrário, busca oferecer possibilidades ao docente preso a correria e a necessidade de produzir aulas que possam dialogar e proporcionar alguma relação de contentamento e curiosidade ao aluno e, essencialmente demonstrar que, um livro sempre será uma janela de perspectivas, independentemente de quem o escreva e se atrelado ou não aos cânones da escrita acadêmica, pois está é, quase sempre, restrita a pares e inacessível ao grande público.

Em tempos de reivindicação constante e, numa sociedade que se acostumou a ver a política como espécie de revanche, especialmente “[...] porque nossa compreensão popular de democracia e de liberdade ainda se enraíza em tradições autoritárias que remontam ao beco sem saída da lógica da escravidão”, sobretudo após a Ditadura, “A liberdade acabou sendo interpretada como direito de vingança” (MARTINS, 2015, p. 126), nos parece que se tem priorizado o político em detrimento dos outros aspectos da vida social.

(Ainda hoje muitos ditos marxistas enxergam apenas o econômico).

Talvez o cultural falte, então, na narrativa da grande história, pois ao centrar-se-á nos feitos políticos da personagem histórica, da sua luta em prol de direitos e, menos de sua personalidade, suas características e mesmo suas fraquezas, à modo de uma história

politicamente incorreta, como a faz Leandro Narloch e outros, que mostre as fraquezas, em uma versão menos polida da História, por assim dizer, aquilo que, talvez, aproxime mais a grande testemunha do sujeito comum, que este último perceba que o protagonista da história pode ter vivido em realidade muito parecida a sua, neste instante de mero coadjuvante ou curioso. Mas

Infelizmente, assim como a história local de modo algum imita imediatamente a História, assim também, contraditoriamente, a pesquisa e o estudo dos grandes processos históricos não reconhecem na escala dos grupos locais e dos sujeitos e suas pequenas contradições os protagonistas ocultos ou embaraçados da História. Todos estão procurando o sujeito típico ideal e o protagonista mítico, que, no fundo, é irreal (MARTINS, 2011, p. 132).

Oliveira (2018) na obra “Linguajar tropeiro”, a partir de pesquisa arguta aponta uma série de termos, negativos, associados ao homem do campo, a natureza do campo (uma pesquisa simples em sites de notícias e mesmo jornais poderá comprovar o amplo uso e a carga de negatividade que se mantém):

Arroz de festa, cara de batata, é uma cobra, burro, chopim, goiaba, banana, preço de banana, pato, pata choca, leite de pato, abacaxi, pepino, laranja, é do chifre furado, galinha, galinha morta, vaca, cachorro, cadela, boca de cabra, abobrinha, pavão, perua, bêbado que nem gambá, borboletear, dar milho pra bode, dá quem nem chuchu na cerca, porco, espírito de porco, porcaria, porcalhão, fruta, vacas magras, carne de vaca, avacalhar, galinha morta, ladrão de galinha, conversa pra boi dormir, não é flor que se cheire, dente de coelho, azedo como limão, um rato, cantar de galo, batata quente, banana pra você, burro de carga, você é um pamonha, frangueiro, frango, cara de mamão macho, miolo de galinha, briga de foice, galo de São Roque, pinto, fogo de palha, cheiro de bode, chifrudo, vai dar bode, pé de cana, voto de cabresto, feijão com arroz, engolir sapo, boca de untanho, carneiro, metido a besta, animal, macaco, amigo da onça, piranha, capivara, chato, passarinho, papagaio, barata descascada, carneiro, veado e pau de galinheiro (OLIVEIRA, 2018, p. 17).

É como se se desse nome aos bois (OLIVEIRA, 2018), como afirma o autor, expondo o que prevalece em muitos espaços, mesmo nos ditos progressistas como aqueles que sofrem alguma orientação mais à esquerda, os professores de História presos a perspectiva teológica do marxismo vulgar, do esquematismo dos modos de produção³, por exemplo, tendem a positivar muitos mais aquilo que a sua historiografia chama de “mundos do trabalho” (e que possui suas limitações) tendo no operariado⁴ (o trabalhador urbano) e na

3 Entre a incerteza de interpretar aos grandes temas como o trabalho (e para além dele), a classe operária ou na economia política, dentre outros, “[...] a maior parte dos marxistas ficou-se pelos dogmas” (LEFEBVRE, 1971, p. 167) e, se esquece que “O operário de carne e osso regula sua rebeldia por sua sobrevivência. Mais do que personificar a certeza da revolta, ele personifica a incerteza da ambivalência. Ele não só produz as condições da transformação social, como não pode deixar de produzir, ao mesmo tempo, as condições da permanência, da repetição e da reprodução das relações sociais. E, portanto, de anular-se ao longo do dia todos os dias” (MARTINS, 2011, p. 410).

4 Mas se se pensar a “classe operária” brasileira amplamente ideologizada nos escritos de História, em verdade “A realidade operária era assim, mistura de ideias políticas, de concepções sociais, de convicções religiosas ‘inimisturáveis’ para ideólogos, sociólogos e analistas políticos” (MARTINS, 2011, p. 413).

perspectiva classista (também reducionista da realidade) o potencial⁵ de revolução, mas como demonstrou Martins (2014), este operário é mais teórico do real, mesmo em Marx, que “sabia” deste mundo a partir da empregada de Engels, e que era este último que relatava e “informava” a ele, muito provável com ignorância da efetiva realidade social de então⁶.

Quais as possibilidades em sala de aula?

Que estes estereótipos são construídos, e por isso permanecem por razões que poderão ser expostas ou se poderá tirar hipóteses a respeito, como por exemplo, o porquê do não enfoque nas lutas sociais do campo? Que as pessoas que saíram do campo e que ainda contém a regionalidade em si, invisível que são e no desencontro com o outro na cidade, aquele que impõem o que deve ser visto, que é padronizado e aceito como normal é aceito pacificamente até como forma de não se expor e preservar a identidade?

Rezzutti (2016) na obra “D. Pedro IV (pois assim se chamava D. Pedro I, o nosso, lá em Portugal, como rei e aqui era imperador) – a história não contada”, que o autor informa se valer de cartas e documentos inéditos, apesar de não ter um item/capítulo específico que trate destas, há inúmeras notas e fartas referências bibliográficas; na perspectiva acima exposta, mostra-se o cenário da independência por parte dos nossos monarcas, como “um negócio de família”.

Negócio esse que, deveria ficar nas mãos deles, mesmo a transição, quando da formação política do Brasil, com D. Pedro I, mas este, segundo o autor era contrário à escravidão, com empenho e sugestão da mão de obra do imigrante, como demonstra na citação de um manuscrito depositado no arquivo histórico do Museu Imperial.

Mas ao final “A pregação não caiu em solo fértil. Os deputados representavam os interesses da elite, à qual pertenciam e pela qual eram eleitos; e ela era majoritariamente formada por latifundiários detentores de dezenas de milhares de escravos” (REZZUTTI, 2016, p. 173).

O que demonstra esse trecho?

Provavelmente, desde que o Brasil é Brasil nossos representantes estão atrelados aos próprios interesses e menos os do povo, aqueles que os elegem e delegam o poder da representação política, no entanto, passam-se os anos e ficamos reféns desta concepção da política, ao mesmo que a tudo se espera dela, de sua benevolência, pouco insta-se a organização para protesto cívico e, ao mesmo tempo, no sentido de apresentar outros modelos, que efetivamente possam legar maior possibilidades diretas de decisão política

5 Onde “Poder não existir é impotência e, inversamente, poder existir é potência (como é, por si mesmo, sabido)”, conforme demonstra Spinoza (2009, p. 20), no entanto, que potencialidade poderá ter o camponês, por exemplo, se geralmente inexistente na narrativa histórica?

6 Informa o autor que “Engels, aliás, contrabandeava as informações de Mary Burns para Karl Marx, em Londres, cujo desconhecimento da realidade empírica da classe operária, que ele pretendia explicar, atrasara em muitos anos o desenvolvimento de sua explicação científica sobre a formação e a dinâmica das classes sociais. Ele intuía filosoficamente, mas não conhecia sociologicamente. Aliás, essa é uma das razões pelas quais a classe operária do sedentário Karl Marx, não obstante Mary Burns, é uma classe operária filosófica, puramente teórica, como mostrou Agnes Heller, que foi assistente de Georg Lukács” (MARTINS, 2014, p. 60).

ao cidadão.

Narloch (2017), em nova investida editorial chamada “Achados e perdidos na história” garimpa histórias, “A partir da biografia de escravos”, em defesa da ideia de “[...] que não houve só uma escravidão no Brasil” (NARLOCH, 2017, p. 12).

Destas biografias, comenta-se aqui a parte que trata dos “escravos-senhores” (p. 133-8), algo que pode contribuir para desmistificar a ideia, a partir da perspectiva meramente de luta de classes em parte da historiografia nacional e, ainda muito presente nos livros didáticos, que via a escravatura como um conflito entre senhores (proprietários de escravos) *versus* escravos (vistos como coisas, mercadorias, em essência), quando em verdade, segundo Narloch, foram inúmeros os casos de escravos mostrados pela historiografia (e pouco são ressaltados nos livros didáticos, por exemplo) que tinham escravos.

E desta forma o que se vislumbra é que “[...] a escravidão brasileira foi muito mais diversa, complexa e interessante [sob o ponto de vista de estudo] do que a imaginamos” (NARLOCH, 2017, p. 13).

A partir do exposto, o professor em sala de aula, junto aos alunos, poderá refletir a respeito das narrativas a respeito da escravatura, de como elas se transformam (e podem) a partir do acesso a novos documentos, novas perspectivas metodológicas e, mesmo se ressaltar que, o período não foi estanque e sim dinâmico, com estratégias, formas de resistência, e mesmo de luta as mais diversas, dando certo protagonismo aos próprios escravos em seu destino e luta para cessar o processo do que efetivamente aquela narrativa que dimensiona mais a ação externa, por exemplo, dos abolicionistas.

Trespach (2017, p. 10), o único historiador de ofício, informa que, em geral, “A memória popular e o conhecimento de história política dificilmente vão além da Era Vargas”, o que efetivamente leva a isso e qual a contribuição dos professores para este estado de coisas?

Pensando como um legado importante destes na disseminação dos *feitos políticos*, e outros aspectos da vida social, foram preteridos?

Em se tratando destes apenas, porque nunca se falou algumas verdades sobre Jango, por exemplo, que muitos o martirizam por ter caído para a Ditadura e impondo a ele um projeto de espécie de revolução?

O autor comenta que: “Jango [era], um rico estancieiro e mulhereengo notório, não foi deposto por corrupção, desvio de verbas ou enriquecimento ilícito, mas porque ousou querer implantar uma reforma econômica e social sem articulação e sustentação política para tal” (TRESPACH, 2017, p. 193).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe certa paranoia em nome da história, que mais vale pelear contra aqueles que (pouco afeitos aos formalismos que muitas vezes mais engessam) pouco se valem

do método neste sentido criticado, mas, que sua escrita chega onde não conseguem os historiadores de fato?

Talvez, pois se nos ampararmos em Norbert Elias, este entende que “*La estigmatización, en tanto aspecto de la relación entre establecidos y forasteros, viene a menudo asociada con un tipo específico de fantasía colectiva desarrollada por el grupo establecido*”, o que “*Refleja y, al tiempo, justifica la aversión (el prejuicio) que sus miembros sienten hacia los miembros del grupo forastero*” (ELIÁS, 2003, p. 236). Será?

Seja como for, levantar esta hipótese (e ter trazido os exemplos possíveis e didatizáveis de quatro autores não-historiadores) não constitui pecado capital entre os pares, acredita-se, pois o que mais deveria importar é o acesso, a disseminação do conhecimento, que este possa enfim chegar aos mais simples, àqueles que, ainda pouco instrumentalizados a leitura (mas com o devido apoio crítico do professor de História) possam ver sentido na História, naquilo que lhes é repassado.

E assim superando aquela quase sempre forma acrítica (mesmo quando da escrita dos grandes nomes, esquecendo-se o lugar desta, a contextualização que deveria ocorrer, a tradução que às vezes é mal feita, o intervalo temporal, pois muitas vezes o atraso de chegada desta escrita até nós, a ideologia, enfim que pode estar contida) e que ocorra (isso não é utópico?) um revertério, que favoreça o aluno, finalmente, para além de nossas pendengas ideológicas, que esta teoria é mais completa do que aquela, então, escrever para além da “[...] pretensão de fabricar discursos inamovíveis e sagrados” (DEMO, 2011, p. 45).

Final em que mais estamos interessados, quando em sala de aula?

Este foi um texto de provocação, aos pares, especialmente àqueles interessados mais no aprender dos alunos, no dia a dia, na busca da aprendizagem destes e, na nossa, pois ao fazer-se a crítica da obra dos não-historiadores acredita-se na contribuição disso aos professores de História, se dispostos ao desafio.

O texto carece de aprofundamento pois é centrado na percepção e vivência do primeiro autor.

REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. A construção de uma didática da história: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, Franca, v. 22, n. 1, p. 183-193, 2003.

DEMO, P. **Pedagogias “críticas” – mais uma**. Ribeirão Preto: Editora Alfabeta, 2011.

DEMO, P. **Pós-Sociologia – para desconstruir e reconstruir a Sociologia**. Brasília: Universa, 2009.

DEMO, P. **Professor autor**. São Carlos: Gráfica e Editora Compacta, 2008.

- ELIÁS, N. Ensayo acerca de las relaciones entre establecidos y forasteros. Trad. Jesús Casquete. **Reis - Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madrid, n. 104, p. 219-51, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FRIGERI, M.; MONTEIRO, M. S. A. Qualis: incitando um debate sobre qualidade dos periódicos científicos no Brasil. In: MONTEIRO, M. S. A.; DIAS, R. de B.; CAMPOS, C. de. (Orgs.). **Novos horizontes em política científica e tecnológica**. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2014, p. 169-185.
- LEFEBVRE, H. **O fim da história**. Trad. António Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971.
- LEVINAS, E. **Humanismo del otro hombre**. Trad. Daniel E. Guillot. 1ª ed., 6ª reimpr. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2009.
- MANGUEL, A. **Uma história natural da curiosidade**. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MARTINS, J. de S. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- MARTINS, J. de S. **Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- MARTINS, J. de S. **Uma arqueologia da memória social: autobiografia de um moleque de fábrica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.
- NARLOCH, L. **Achados e perdidos na história: escravos**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.
- OLIVEIRA, S. C. de. Dando o nome aos bois. In: ALVES, L. A.; OLIVEIRA, S. C. de. **Linguajar tropeiro**. 2ª ed. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 9-57.
- PROST, A. **Doze lições sobre a história**. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. 2. ed., 4. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- REZZUTTI, P. D. **Pedro IV – a história não contada: o homem revelado por cartas e documentos inéditos**. Alfragide: Casa das Letras, 2016.
- SAES, F. A. M. de; SAES, A. M. **História econômica geral**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- SPINOZA, B. de. Ética. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- TRESPACH, R. **Histórias não (ou mal) contadas: revoltas, golpes e revoluções no Brasil**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adequação 13, 41, 102, 104, 105, 108, 109, 111

Alienação 10, 11, 110, 123

Anteprojeto do Novo Código Penal 167, 174, 175

B

Bem Viver 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101

Bioética 181, 182, 191, 193, 194

C

Cartografia 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38

Ciência 4, 19, 24, 26, 27, 59, 60, 61, 72, 79, 97, 102, 103, 104, 110, 113, 133, 140, 155, 182, 213, 214, 217, 223, 225

Consumo 100, 103, 111, 117, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 171, 191, 248

Contemporaneidade 42, 117, 118, 126, 204

Crimes Econômicos 167, 168, 177, 180

Crise 6, 102, 103, 104, 105, 111, 114, 117, 118, 119, 124, 125, 126, 135

Cultura 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 39, 41, 43, 45, 49, 52, 53, 54, 57, 79, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 134, 135, 136, 139, 144, 150, 157, 195, 196, 212, 213, 221, 226, 228, 231, 232, 248

D

Desenvolvimento Emocional 226, 227, 231, 233

Desenvolvimento Humano 8, 10, 11, 12, 15, 128, 129, 136, 226, 227, 228

Didática da História 67

Direito 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 41, 48, 55, 58, 63, 84, 128, 129, 139, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 212, 218, 223, 224, 225

Direito Digital 155

Discurso Jurídico 141, 142, 143, 144, 145

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 26, 27, 28, 32, 33, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 118, 124, 128, 129, 133, 134, 135, 141, 150, 193, 210, 223, 245, 247

Espeleoterapia 202

Espeleoturismo 202, 209

Estados-Nacionais 102, 103, 105, 108, 111, 113, 114

Estágio 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 93, 126

Estética 19, 21, 23, 42, 79, 84, 117, 119, 120, 126

Ethos 126, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 224

Ética 52, 56, 68, 94, 97, 99, 126, 155, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 184, 186, 191, 192, 193, 194, 217

Evolução 72, 106, 107, 155, 156, 157, 158, 160, 163, 164, 168, 228

F

Fontes Imagéticas 17, 18, 20

Formação Docente 41, 44, 45, 47, 48, 53, 54, 69, 70, 77, 78

G

Genocídio 195, 197, 198, 199

I

Inteligência Artificial 110, 155, 156, 158, 161, 162, 163, 164

Interdisciplinaridade 39, 44, 45, 46, 47, 53, 54, 128, 137

L

Legalidade 169, 174, 211, 217, 218, 222

Linguagem 9, 11, 12, 13, 14, 16, 25, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 47, 48, 55, 58, 101, 120, 121, 123, 125, 139, 141, 142, 143, 144, 154, 186, 188, 228, 232, 233

M

Marxismo 8, 11, 64, 139

Memórias 80, 82, 91, 135, 137, 163, 195, 215

N

Natureza 5, 6, 9, 11, 12, 21, 27, 28, 32, 42, 44, 45, 49, 64, 71, 72, 73, 79, 83, 93, 94, 95, 98, 100, 103, 105, 109, 110, 113, 121, 122, 131, 133, 144, 150, 151, 158, 162, 163, 173, 209, 212, 215, 216, 220

Normatização 55

P

Pesquisa 3, 6, 8, 10, 17, 26, 34, 36, 37, 46, 54, 55, 56, 64, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 179, 183, 202, 205, 210, 213, 222

Práticas Sociais 132, 134, 141, 143, 144, 145, 217

Privacidade 155, 156, 158, 159, 160, 161, 165, 239

Produção de valor 102, 104, 106, 115

Produção e recepção 55

R

Relações de Poder 55, 60, 108, 142

Religião 124, 187, 202, 204, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 220, 222

Representações 24, 30, 99, 131, 210, 214, 215, 231

Responsabilidade Civil Médica 181, 190

Responsabilidade Penal Da Pessoa Jurídica 167, 168, 171, 173, 174, 175, 176, 178, 180

Retórica 146, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 195, 201

Ritos fúnebres 211, 213, 220

S

Sistema Financeiro 102, 103, 105, 108, 109, 113, 114, 175

Subjetividade 17, 21, 22, 23, 112, 117, 120, 123

T

Tecnologias 38, 39, 40, 47, 48, 49, 53, 54, 157, 160, 162, 164, 168, 248

Teoria Histórico-Cultural 8, 16

Trocas Afetivas 226, 228, 230, 231, 233

Turismo de saúde 202, 209

V

Viagem 79, 80, 81, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 118, 197, 199, 200

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 